

A clínica da perdição criadora

Se não posso dobrar os poderes supremos,
moverei as regiões infernais.³⁰⁹

Virgílio

O estudo do pensamento de Nietzsche visou enriquecer as referências para sustentar a idéia de que o ato criativo pressupõe certa experiência de perdição. Lembro-lhes que considero ato criativo não apenas a proposição de novas formas no campo da arte e da ciência, mas também a invenção de nova maneira de viver e perceber o mundo e suas relações. E, neste caso, relaciona-se diretamente com o trabalho clínico da psicanálise.

Escolhi a expressão *perdição criadora* para nomear a práxis analítica por considerá-la capaz de ressaltar importantes aspectos do trabalho terapêutico. O uso comum da palavra perdição remete a situações nas quais somos tomados por desejos incontrolláveis. O objeto capaz de suscitar tão forte impulso varia de acordo com a pessoa e com o momento. Inclui desde formosos corpos e saborosas comidas até livros ou um singular par de sapatos. Sentimos a ameaça de perder as estribeiras diante da intensa vontade despertada. Curioso notar que, em muitos casos, empregamos o termo perdição apenas para indicar o grande apetite. Acabamos por resistir ao desejo despertado.

Essa primeira significação enfatiza a força do desejo e, ao mesmo tempo, a resistência a ele. Algo bem familiar ao neurótico. Também chama atenção para o poder do desejo na desorganização de uma ordem. Na dinâmica psíquica, essa ordem corresponde ao Eu. Lacan denunciou a popularização de certa leitura da

³⁰⁹ Freud escolheu estes versos - *Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo* - , da obra **Eneida**, de Virgílio, para a epígrafe de **A interpretação dos sonhos** (1900), obra inaugural da psicanálise. Eles reaparecem na seção E, do capítulo VII da mesma obra, sobre a *Psicologia dos processos oníricos*. A tradução literal dada por Paulo Rónai no livro **Não perca o seu latim** é: “Se não puder dobrar os deuses de cima, comoverei o Aqueronte”. O Aqueronte, um dos rios do inferno, segundo a mitologia antiga, simboliza os deuses infernais. *Apud* FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**, vol. IV, p.15.

psicanálise que valorizava o predomínio da função do Eu, associando-a à busca de felicidade, bem ao estilo do *american way of life*.³¹⁰ Classificou tal leitura de obscurantista, tamanha deturpação que promovia da descoberta freudiana. O termo perdição insiste na prevalência do inconsciente na dinâmica do tratamento e reafirma o objetivo da práxis analítica: “Ali onde Isso era, é meu dever que Eu venha a ser” – *Wo es war, soll ich werden*³¹¹.

Justo no contexto descrito acima, Lacan faz a seguinte afirmação: “o campo freudiano é um campo que, por sua natureza, se perde. É aqui que a presença do psicanalista é irreduzível, como testemunha desta perda.”³¹² Parece-me que a perda à qual Lacan se refere é a dissolução do campo freudiano. A energia tende para o caos; os sistemas para a desordem. Essa tendência natural da pulsão à morte demanda o trabalho de recriação perene. E a psicanálise, caso não seja infinitamente reinventada, também destina-se à deterioração. Daí minha proposição da *perdição criadora*.

A significação original da palavra perdição nos remete ao universo religioso. Neste campo, designa-se perdido aquele que infringiu a moral, cometendo atos em desacordo com os dogmas prescritos. A noção de *queda*, *pecado* e *culpa* decorrentes de qualquer desvio da norma está bastante presente na neurose. O recalque sustenta-se em argumentos morais, incorporados como verdades incontestáveis. A assunção dos desejos e a fabricação de meios adequados para realizá-los visam a neutralizar a força desses imperativos morais.

Quando Lacan denuncia a propagação de certo obscurantismo no campo freudiano, busca enfatizar a especificidade da práxis analítica. Ela jamais pode ser confundida com práticas adaptativas, cujo objetivo seja recuperar o equilíbrio perdido pelo indivíduo por meio do tamponamento do inconsciente. A demanda inicial do paciente decorre, justamente, do mal-estar experimentado pelas pressões do Outro, do inconsciente. O analista apresenta-se como alguém que incita o Outro a falar. E de tanta falação chega-se ao silêncio, à falta de qualquer sentido das fantasias imaginárias. As crenças se desfazem, caem por terra diante da

³¹⁰ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.123.

³¹¹ FREUD, S. **Conferência XXXI. A dissecação da personalidade psíquica**. p.84. Adotei a tradução feita por Jacques Lacan no artigo **A coisa freudiana**. Na introdução da primeira parte deste trabalho fiz análise das duas traduções e indiquei as razões por ter preferido a versão de Lacan.

³¹² LACAN, J.O **seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p. 123.

insistência da pulsão. Levanta-se o véu das imagens luminosas sustentadas pelos ideais e percebe-se o horror presente na relação entre os homens. E o descompasso na abordagem de qualquer objeto. Nesse lugar, não há outra saída senão criar novos meios de dar graça à vida. Esta é a dimensão trágica da análise. Ou melhor, a dimensão trágica da espécie humana.³¹³

O homem nasce louco. E torna-se racional a partir da ordem artificial concebida pela linguagem. Ela é puro artifício, lógica arbitrária que contém o caos originário. A primeira palavra proferida pelo *homo sapiens* foi ato criativo que expressa a tentativa de dominação da pleora de imagens a que estava submetido. Articulada a outras, funda uma ordem, uma trava.

A experiência clínica da psicanálise centra-se na força da palavra, no diálogo entre paciente e analista, como principal instrumento para combater as angústias humanas. O homem constitui-se na linguagem, estrutura articulada de sons e conceitos que organiza a vida individual e coletiva. Quando nascemos, a linguagem já está lá. Somos pouco a pouco integrados nela. Grande parte das pessoas entende a linguagem apenas como instrumento de comunicação. Não percebe o quanto ela interfere nos comportamentos, nas formas de percepção. E até em inúmeras doenças físicas. Ao fundar um método de tratamento pela palavra, Freud valorizou o que há de mais particular no ser humano: sua capacidade, ou melhor, sua necessidade de simbolização.

A psicanálise aposta no simbólico. De certa maneira, ela impele cada paciente a reviver o ato poético dos homens primitivos, que forjaram palavras para lidar com o que lhes provocava perturbações.³¹⁴ Tais palavras engendraram mundos variados.

³¹³ Sobre a relação entre trágico e psicanálise, observa Clément Rosset : “Situar a fonte do horror, não alhures, mas em si mesmo, é um programa comum a Sófocles e a Freud (...) Nada mais trágico, nada mais terrificante para o homem do que aquilo que provém de sua própria profundidade. Nada mais estranho, mais desconhecido: aqui, nesse horror primeiro ante si mesmo, se origina aquilo que Freud descreveu sob o nome de ‘recalcamento’. A idéia de que o que está mais próximo é também o que está mais longe, o mais conhecido é o mais desconhecido, o mais familiar o mais estranho, é um tema que alimenta ao mesmo tempo a tragédia grega, a técnica do enigma policial e o pensamento psicanalítico.” In: **Lógica do pior** (1971), p.68. Rosset afirma que Freud e os trágicos gregos abordam a *proximidade do silêncio* pois remetem ao campo de forças para além da linguagem. Já Lacan, observa Rosset, ao afirmar que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, privilegia o simbólico e não a pulsão. Mas Lacan também foi além. Rosset escreve em 1971. N.º **seminário 20 – Mais, ainda**, proferido entre 1972 e 1973, Lacan formula o conceito de *alíngua*, para enfatizar a dimensão não estruturada, silenciosa da mente humana. Silêncio de onde nasce todo e qualquer som.

³¹⁴ A origem da linguagem permanece misteriosa ainda hoje. Sigo aqui os passos de Freud, que inúmeras vezes relacionou a ontogenia com a filogenia.

Diferentemente do homem primitivo, o paciente já está preso numa teia de palavras e imagens, que opera de modo inconsciente. Seu trabalho, então, será duplo: desvendar a trama na qual foi tecido e costurar novas indumentárias.³¹⁵ Ao procurar ajuda, o paciente reconhece que seu guarda-roupa não lhe satisfaz. Algo não funciona, mas ele não sabe bem o quê.

Mesmo em mal-estar, o paciente não larga as roupas antigas. Sequer tem consciência de seu vestuário usual. Quando começa a percebê-lo, muitas vezes se desinteressa da análise e vai buscar ajuda em outro lugar. Se insiste, coloca um grande casaco para ir à sessão, na esperança de esconder do analista a fidelidade ao hábito antigo. Nessa auto-enganação, o processo analítico paralisa-se. O paciente não quer perder objetos antigos, nem ter o trabalho de criar novos vínculos para a pulsão. Freud nomeia esse fenômeno de *resistência*.

As resistências são inconscientes. O paciente simplesmente não consegue percebê-las. Propus a analogia com o vestuário para indicar que os sintomas ficam à mostra, e constituem modos de nos relacionarmos com os outros. Contudo, as analogias apresentam-se sempre imperfeitas. Limitam-se a aspectos muito específicos do que buscamos descrever. Freud prefere relacionar nosso aparelho mental à arquitetura, comparação que se mostra mais apropriada em alguns aspectos. Afinal, os sintomas estruturam as pessoas tal como as fundações de uma construção sustentam um prédio. Abandonar vínculos antigos não corresponde, dessa maneira, a simples troca de um traje. Assemelha-se mais à demolição de um prédio já em ruínas. Provoca certa vertigem, sensação de desordem, angústia. Chamo este processo de *trabalho da perda*.

A demanda por análise decorre, de alguma maneira, da irrupção do real. Alguma coisa provocou desequilíbrio na organização do indivíduo. O inconsciente expressou-se de modo mais intenso, o recalado veio à tona. No entanto, a pessoa pede ajuda para consertar a ordem antiga e não para mudar a vida. Ela quer fazer o rejuntamento das fissuras de sua casa. As práticas que valorizam o Eu atendem a essa demanda. Buscam readaptar a pessoa à realidade, garantir seu sucesso em meio aos valores estabelecidos. Tamponam, assim, o inconsciente. Tentam recalcar, de novo, o que veio à tona. Nada mais diverso do

³¹⁵ Em **A dinâmica da transferência** (1912) Freud afirma: “O tratamento analítico então passa a segui-la [a libido], torná-la acessível à consciência e, enfim, útil à realidade”, p.114. Em **Construções em análise** (1937), Freud faz uma analogia entre o trabalho do analista e do arqueólogo. Ambos escavam, descobrem as fundações, e depois constroem novas edificações.

trabalho analítico. A análise aponta para a diferença radical de cada um, a ser descoberta e elaborada no tratamento.³¹⁶

A irrupção da crise oferece a chance de transformação do animal de rebanho em *homem forte*. Tal processo implica grande investimento. Não apenas do capital financeiro, mas da libido, o capital psíquico. A produção do *homem forte* exige desconstrução e reinvenção de si. Demanda tempo e paciência. Mas leva, também, ao *mais-de-gozar*. A uma Outra satisfação, além do gozo repetitivo do modelo cultural. Hoje, no entanto, há uma enormidade de terapias que visam administrar de maneira instantânea as descompensações provocadas pelo viver. Elas estimulam a proliferação do instinto de rebanho. Não comprometem os indivíduos na produção de maior soberania sobre si.

As resistências à análise decorrem do gozo oferecido pela doença. As pessoas denegam a percepção do estranho para sustentar o funcionamento, mesmo que precário, de seu sistema. E hostilizam aquele que denuncia sua trapaça. Freud chama tal quadro de “ganho secundário da doença”. Mesmo em sofrimento, as pessoas insistem em permanecer na segurança de seus sintomas. Preferem um inferno conhecido à angústia de não estar de acordo com a *opinião pública*, representante mais populoso do Supereu. Optam pela lassidão, sob abrigo da cultura.

Os sintomas são cristalizações de certos acordos de forças inconscientes, repetidos de maneira compulsiva. Eles resultam de frustrações das aventuras libidinais do indivíduo. Diante de dificuldades do investimento libidinal em determinada direção, o impulso encontra uma satisfação substitutiva. Esta, muitas vezes, sequer é sentida como satisfatória pelo Eu. No entanto, os outros sistemas que compõem nosso aparelho psíquico – o Supereu e o Isso – se satisfazem. A descoberta de Freud destaca que nossa máquina, de uma maneira ou de outra, sempre goza. A qualidade do gozo auferido é que se altera. Há que saber qual sistema impera – se o Eu, o Isso, ou o Supereu, e como é a dinâmica entre eles.

A tenacidade com que os pacientes defendem suas mais antigas formas de satisfação levou Freud a ser cético quanto à eficácia da análise. Ele chega a classificar como impossível a tarefa de realizar a análise de alguém. Compara esse

³¹⁶ “O processo analítico reconduz o sujeito à pulsão e não mais à demanda, levando o sujeito a saber que não deve esperar a ajuda de mais ninguém”. In: TOLEDO, Marília Reitmann. **A fantasia e suas implicações na clínica psicanalítica** (2003), p.88.

processo a outras duas tarefas, também consideradas por ele impossíveis: educar e governar. Mas como o homem se move pelo desejo do impossível, Freud inventou a psicanálise. E muitos outros cometem o ato insano de seguir os passos trilhados pelo mestre. Para isso, recorrem à *metapsicologia da feiticeira*³¹⁷.

Parece-me que Freud utiliza tal expressão para descrever o caráter intransmissível da práxis analítica. Ele reconhece que manuais que indiquem o modo de funcionamento do tratamento pouco contribuem para a formação do analista. Não se trata de transmissão de um conhecimento consciente, mas do domínio da dinâmica inconsciente. Só se chega aí pelo exercício da própria análise. É neste experimento que se descobre até onde cada um pode interrogar o próprio ser.

Qualquer análise tem como objetivo a formação de um analista.³¹⁸ Com essa assertiva, Lacan aponta a direção do tratamento. Ele implica a desconstrução das referências imaginárias e o enfrentamento da condição originária do ser humano: o silêncio e a solidão. Diante do real, vive-se o imperativo da pulsão, em sua constante pressão. Somos impelidos à descoberta de um *significante-mestre*, que assume lugar fundamental em nossa usina energética. Ele transforma morte em vida. Alimenta novas fantasias, agora consideradas apenas meros artifícios, necessários para dar graça à vida.

Comparo o processo de análise com a experiência daqueles que inventaram novas realidades. O trabalho em ambos os casos se assemelha. O gozo fácil e instantâneo do princípio de prazer transmuta-se em *mais-de-gozar*. As duas situações exigem o funcionamento segundo o princípio de realidade, em que a energia está vinculada a algo na busca de dominá-lo. O acúmulo de tensão no processo pode levar à satisfação mais intensa e sofisticada: a Outra satisfação. E quando alguém domina a realidade que o cativou, sua energia libera-se de novo. Depara-se, assim, com o *além* do princípio de prazer. Apresenta-se, dessa

³¹⁷ Freud forja esta expressão inspirado no personagem Fausto, de Goethe, que apela de má vontade à feiticeira em busca do segredo da juventude. Destaca, assim, o caráter mágico e misterioso da psicanálise, e portanto, não restrito à lógica científica. In: **Análise terminável e interminável**, p. 241. Aliás, esse aspecto de *feitiço*, de *milagre* do trabalho do médico em geral, e não apenas do psicanalista, é abordado por Freud em um de seus primeiros textos sobre técnica – **Tratamento psíquico (ou anímico)** (1905).

³¹⁸ “Não há senão uma psicanálise, a psicanálise didática – o que quer dizer uma psicanálise que tenha fechado esse cerco até seu termo. O cerco deve ser percorrido várias vezes. Não há com efeito nenhuma maneira de dar conta do termo *durcharbeiten*, da necessidade de elaboração, se não é para conceber como o cerco deve ser percorrido mais uma vez.” In: LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos da psicanálise**, p.258.

maneira, a necessidade de inventar, continuamente, nova realidade, de criar novas estalagens para a pulsão. Viver no regime da *perdição criadora* implica estar em perene movimento, em experimentar a instabilidade. Requer coragem e disposição para trabalho contínuo, interminável.

4.1

O trabalho da perda

Freud nos diz que o que vai encontrar, no término, quem segue este caminho não é outra coisa, essencialmente, além de uma falta. Quer chamem a essa falta de *castração* ou *Penisneid* [inveja do pênis], isso é signo, metáfora.³¹⁹

Jacques Lacan

Pari meu ser infinito, mas tirei-me a ferros de mim mesmo.³²⁰

Fernando Pessoa

Em suas primeiras experiências clínicas, Freud utilizou o método hipnótico em busca de aliviar o sofrimento de seus pacientes. A prática era usual na época. O médico induzia a pessoa ao adormecimento e fazia-lhe uma *sugestão*, com vistas a neutralizar uma idéia penosa ou angustiante, fonte do mal-estar. Neste contexto, sugestão não corresponde simplesmente a informações ou orientações oferecidas a alguém, que escolhe acatá-las ou não. Refere-se, sim, a ordens implantadas na mente de uma pessoa que se encontra em estado inconsciente. Ao despertar, ela segue essas ordens, que supõe terem surgido em sua cabeça de modo espontâneo.³²¹ Em meus devaneios sobre a experiência da análise, penso que, se tivéssemos efetivamente o poder de inserir uma idéia fundamental na mente do paciente, esta idéia seria a da aceitação da *castração*.

A psicanálise denomina castração a condição originária do ser humano, independente do órgão sexual do indivíduo.³²² Não há um único objeto nem um único sentido que nos satisfaça ou organize a existência de modo absoluto. *Falta-*

³¹⁹ LACAN, Jacques. **O seminário 8** (1960-1961) – **A transferência**, p. 46.

³²⁰ PESSOA, Fernando.(SOARES, Bernardo). **O livro do desassossego**. Fr.15.

³²¹ No primeiro volume da *Edição Standard* das obras completas de Sigmund Freud, publicado pela Imago, encontram-se vários artigos de Freud sobre a hipnose como método terapêutico. Entre eles estão os breves e esclarecedores textos **Resenha de Hipnotismo, de August Forel**, de 1889, e **Prefácio à tradução de De la suggestion, de Bernheim**, também de 1889.

³²² “Tudo o que ela [a lógica freudiana] introduziu como lógica do sexo decorre de um único termo, que é realmente seu termo original, que é a conotação de uma falta, e que se chama castração. Esse *menos* essencial é de ordem lógica, e sem ele nada pode funcionar. Tanto no homem quanto na mulher, toda a normatividade se organiza em torno da transmissão de uma falta”. In: LACAN,J. **O seminário 16** (1968-1969) – **De um Outro ao outro**, p.218.

*a-ser*³²³, eis a marca fundamental do homem. Esta falta corresponde, na verdade, à inexistência originária de caminhos determinados para o escoamento da pulsão. Diz respeito ao excesso de possibilidades, à *perdição originária* de nossa espécie. E nos compromete com a obrigação de inventar trilhas para que a pulsão não se dirija imediatamente ao inorgânico.

Não importa a paixão que o alimento, o homem sempre se depara com o impossível. O palavra-valise *falesser* – tradução de MD Magno para o termo *parlêtre*³²⁴ de Lacan – captura a condição humana em suas múltiplas facetas. Ser de fala, condenado à morte dos sentidos e das fantasias diante do real. A falência do ser o engaja no movimento de eterna suplência. Qualquer objeto apresenta-se mero suplente, substituto inventado para uma suposta completude jamais atingida. O choque da experiência provoca a suspensão dos significados, *falos* simbólicos ou imaginários. Impele à constante significância.³²⁵

Freud abandonou a hipnose, por considerá-la ineficaz como método terapêutico. Daí a psicanálise. Ele constatou que não adiantava o médico descobrir a causa inicial do adoecimento e combatê-la diretamente. Muitos pacientes se *contrassugestionavam*³²⁶. Não se deixavam influenciar pelas idéias apresentadas ao longo do tratamento. Freud percebeu que, apesar de as pessoas queixarem-se de seus sintomas, elas estruturam-se em torno deles. Nosso organismo opera segundo a lógica prazer/desprazer. Se determinado acontecimento provocou uma trilha de escoamento para o aumento de tensão experimentado pelo organismo, ela se afirma como via preferencial para a satisfação. E, a partir dela, criam-se diversas outras trilhas, ligadas a diferentes situações. Assim se forma a trama que caracteriza cada indivíduo em particular. Por isso, atacar apenas a causa primeira do problema não resulta em grande benefício. Corresponderia a retirar o lampião causador de um incêndio, sem se preocupar em apagar as chamas por ele provocadas.³²⁷

³²³ Lacan utiliza este termo para definir o cerne da experiência analítica pela primeira vez em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958). In: _____. **Escritos**, p.619;629;633.

³²⁴ LACAN, J. **O triunfo da religião** (1974), p.72.

³²⁵ LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.30.

³²⁶ Breve referência a esta constatação pode ser encontrada em **Psicologia de grupo e análise do ego** (1921), capítulo IV, *Sugestão e libido*.

³²⁷ O exemplo é dado por Freud em **Análise terminável e interminável** (1937) e não se refere a uma crítica à hipnose, mas à proposta de Otto Rank de preocupar-se apenas com o trauma fundamental do homem: o nascimento.

Diante disso, inserir a idéia da aceitação da castração na mente do paciente, por si só, em nada adiantaria. No entanto, é nesta direção que aponta a análise. Não se trata, evidentemente, de uma autorização da mutilação do próprio corpo, mas do reconhecimento da inadequação perene do animal falante na sua relação com a vida. Trata-se de admitir, como denuncia Lacan, a relação sexual como impossível.³²⁸

Freud constrói a metáfora da castração por identificar o corpo como nosso primeiro grande enigma. E por que não reconhecê-lo como fonte perene de mistérios? Território de sensações e referência imaginária primeira, o corpo constitui motivo para as mais primitivas simbolizações humanas. Tanto para os indivíduos como para a espécie. A própria origem da psicanálise relaciona-se com patologia especialmente relacionada ao corpo, a histeria. As perturbações somáticas nos obrigam à produção de sentido. Nietzsche também vê o corpo como fonte primeira de qualquer simbolização.

A imagem do órgão sexual masculino provoca, em especial, profundos efeitos no psiquismo. Para os gregos, simbolizava o poder gerador da natureza. A pujança e a evidência do gozo do pênis promovem o falo ao posto de significante da felicidade, representante imaginário de força, completude e poder ilimitado. Ao colocar o falo e a diferença anatômica no centro de sua teoria, Freud simplesmente reconhece a importância simbólica desse órgão para a espécie humana. Destaca a relevância do imaginário em nossa constituição mental, descrita em detalhe por Lacan.

A metáfora da castração relaciona-se também com a construção do complexo de Édipo. Freud fabrica esse complexo para representar a dinâmica das relações experimentadas pela criança em sua inserção na ordem simbólica. Simplificadamente, a criança abdica do gozo experimentado na relação com a mãe e com a masturbação diante da ameaça de ter seu órgão sexual extirpado.³²⁹ Esta ameaça partiria do pai ou seria atribuída a ele. O pai encarnaria, assim, o lugar de

³²⁸ **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.17. No mesmo seminário, observa Lacan: “o de que se trata é de o amor ser impossível, e a relação sexual se abismar no não-senso, o que não diminui em nada o interesse que devemos ter pelo Outro”, p.118.

³²⁹ Em Freud, o tema pode ser aprofundado em **O Ego e o Id** (1923), cap. III; **A organização enital infantil** (1923), **A dissolução do complexo de Édipo** (1923), entre outros textos.

basta desse gozo ilimitado – extraído do próprio corpo e do vínculo com o objeto primeiro –, necessário para que o desejo pelo mundo se instaure.³³⁰

Com a menina, o processo é mais complexo. Ao constatar que ela não porta, efetivamente, o pênis, se afasta da mãe, seu primeiro objeto. E só então estabelece o vínculo edípico com o pai. Porém, fica eternamente na expectativa de conseguir um substituto para sua falta anatômica. A menina alimenta, então, o que Freud chamou de *inveja do pênis*. Muitas mulheres revoltam-se com essa expressão.³³¹ Contudo, como não identificar a ira tão intensa e inexplicável das mulheres em tantas situações cotidianas? Sempre que me deparo, eu mesma, nessas situações, apelo para a oração da psicanálise: “aceitai a castração, a relação sexual é impossível”. Cabe ainda observar que, ao identificar a castração com condição originária da espécie humana, Freud reconhece no feminino aquilo que impulsiona o ser humano à criação, a qualidade fundamental do animal homem.

Considero a metáfora da castração bastante fecunda. Ela ressalta a importância do imaginário na dinâmica psíquica. Homens e mulheres aprisionam-se na fantasia do gozo fálico como garantia de felicidade. Mantêm-se na contínua competição por provar sua potência. Nessa embate, tornam-se impotentes. Congelam sua capacidade criativa ao concentrarem toda sua energia na defesa de sua imagem de completude. Denegam, assim, a falta que caracteriza o humano. Justo ela nos faz animais tão inventivos. E Lacan nos lembra: “o que a teoria freudiana mais acentua é que só o falo pode ser feliz – não o portador do dito

³³⁰ Lacan abstrai a figura do pai substituindo-a pelo *significante do Nome-do-Pai*, e depois pelo *significante-mestre*. Em ambos os casos, e também em Freud, representam a imposição de uma lei ao caos originário no qual nasce o ser humano. No **Seminário 17** (1969-1970) – **O avesso da psicanálise**, Lacan faz uma crítica à construção freudiana do complexo de Édipo (cap.VI, VII, VIII). Na época de Freud, o pai corresponde àquele que trabalhava e garantia o sustento da família. Lacan prefere a figura do mestre que, castrado, precisa do escravo para produzir. Nos matemas de Lacan – o significante-mestre – S1, significante primeiro, faz nossa usina mental funcionar. Na verdade, ele mesmo resta inapreensível, corresponde a um *traço unário*. Capturado por um objeto *a*, causa de enigma, o sujeito *produzirá* um significante-mestre. Este terá alguma referência àquele primeiro traço e o representará diante dos outros significantes. Ver também **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p. 31.

³³¹ Em seu **Dicionário de Psicanálise**, Elisabeth Roudinesco e Michel Plon registram as restrições do movimento feminista ao que chamam de *falocentrismo* da teoria freudiana. Também citam a crítica de Jacques Derrida ao que ele nomeia de *logofalocentrismo* da psicanálise. Da mesma maneira, MD Magno propõe o abandono da referência à diferença anatômica. Em sua *Novamente*, prefere chamar a experiência de castração de *quebra de simetria*. Essa expressão destaca que, em nossas aventuras, inevitavelmente “quebramos a cara”, isto é, a imagem inicial que construímos em nossas relações com os objetos se esfaca. In: MAGNO, MD. **Pedagogia Freudiana**, p.88. Mesmo Lacan, no **Seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, afirma: “No psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como ser de macho ou ser de fêmea”, p.194. No entanto, no **Seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, Lacan propõe uma lógica mental, existente em todos nós, que articula feminino e masculino.

cujo”.³³² As mulheres não se conformam com sua *falta* anatômica. Lutam, incansavelmente, para se sobrepujar os homens. E parecem, muitas vezes, mais masculinas do que eles, mesmo vestidas com ousados decotes e de salto alto. Ou ao lado de berços com enfeites cor-de-rosa. Os homens, por sua vez, têm que provar a cada instante que são machos, muito machos!

Fixados na afirmação do gozo fálico, homens e mulheres não conseguem descobrir gozo mais além. Freud denomina essa situação como *repúdio à feminilidade* ou *complexo de castração*³³³. Eis o núcleo da neurose. Por isso, Lacan assevera: “É na proporção de uma certa renúncia ao falo que o sujeito entra na posse da pluralidade dos objetos que caracterizam o mundo humano”.³³⁴ O trabalho da análise visa a suspender a fixação na satisfação fálica, provocadora de tantas angústias, e a ampliar as possibilidades de amar.³³⁵ Entrar em perdição exige o trabalho de se perder da fantasia do gozo fálico como garantia de felicidade.

A sustentação compulsiva de um falo corresponde ao aprisionamento em uma ordem imaginária. Vive-se em mal-estar, pois a imagem inevitavelmente se quebra. A sensação de que falta algo a satisfazer sempre desperta. Inconscientemente sabemos da falha, da hiância característica de nossas relações com as coisas. Todavia, o compromisso com determinada identidade exige o afastamento de qualquer ameaça de ruptura.

A dinâmica psíquica presente neste processo congela o Eu em determinado ideal, ditado pelo Supereu. Temos de *ser* alguém com delimitações muito precisas. Precisamos *ter* um órgão infalível. Essas obrigações provocam a angústia. Quando ela se apresenta muito intensa, as pessoas buscam tratamento. Tal afeto expressa o aprofundamento do conflito entre o Isso e o Supereu. Revela o descompasso entre a pulsão e os ideais coletivos. O imaginário começa a esfacular-se diante da insistência do real.

A perdição manifestou-se e a pessoa viveu certa desorganização em seu sistema. Deparou-se com algum grau de entropia. Tal quadro, como descrevi na

³³² LACAN, J. **O seminário 17** (1969-1970) – **O avesso da psicanálise**, p.69.

³³³ FREUD, S. **Análise terminável e interminável** (1937), p.268.

³³⁴ LACAN, Jacques. **O seminário 8** (1960-1961) – **A transferência**, p.231.

³³⁵ Não abordarei de modo aprofundado as diversas fases do desenvolvimento da libido, a saber: *fase oral, fase anal, fase fálica e fase genital*. Há excessivas leituras sobre o tema. Remeto o leitor às **Conferências introdutórias** de Freud no. **XXI - O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais** (1917); e no. **XXII - Algumas idéias sobre desenvolvimento e regressão – Etiologia** (1917).

primeira parte deste trabalho, não corresponde a um mal. Ao contrário, impele à invenção de nova vida, desde que se assuma a falência das fantasias coletivas repetidas automaticamente por nós. E que se insista tanto no trabalho de desconstrução do imaginário como no da afirmação da fantasia particular de cada um.

Nessa aventura, há que assumir o risco do próprio desejo. Perseverar nele. E abdicar da garantia do conforto oferecido pelo grupo. Só assim se vive com um mínimo de soberania. A imagem construída por Nietzsche do *homem nobre* oferece boa referência para pensarmos tal lugar. O *homem nobre* busca afirmar a própria vontade, não se submete ao instinto de rebanho. Reconhece na coragem e na valentia valores imprescindíveis à existência. Ele aceita as tribulações da vida e vê nelas oportunidade para ampliar a própria força. Em termos psicanalíticos, diríamos que o *homem nobre* aproveita o real, a crise, para tornar-se outro. Não está fixado em uma identidade. E reconhece que a transformação exige submeter-se ao objeto, colocar-se como escravo dele.

O *homem nobre* suporta a angústia de construir caminhos singulares para a pulsão. E este preço, a grande maioria não quer pagar. Prefere ficar sob o abrigo do rebanho. Muitas pessoas que procuram a análise, tão logo veem seu equilíbrio retornar, voltam correndo para o seio das formações coletivas, reforçando os recalques. Até a próxima crise. Perderam-se, mas logo voltaram para o trilho. Não aproveitaram a perdição para inventar novas estradas.

A crise provoca angústia, estado afetivo mais primitivo e fundamental para o homem. “Enigma cuja solução deverá inundar de luz toda nossa existência mental”³³⁶, assevera Freud. Trata-se do afeto diante de situações que nos ameaçam com o perigo de morte. Mas há diferentes tipos de morte, aos quais correspondem formas distintas de angústia: a *realística* ou a *neurótica, moral*.

A angústia realística manifesta-se em situações em que o perigo é externo ao Eu e impele à luta, ao enfrentamento. Com vistas à autopreservação de si, a pessoa supera seus limites e amplia suas possibilidades de satisfação. O Eu, neste caso, trabalhou para dominar a desorganização provocada em seu organismo por certo estímulo desconhecido. Deparou-se com a castração. Suportou o aumento de

³³⁶ In: FREUD, S. Conferência introdutória XXV – A ansiedade (1917), p.394. Ver também da série Novas conferências introdutórias a de número XXXII – Ansiedade e vida instintual (1933).

tensão e reorganizou seu modo de lidar com a realidade. De certa maneira, viveu uma morte. E renasceu outro. A autopreservação de si foi possível graças à transformação do Eu. Essa pequena morte lhe franqueou novas possibilidades de vida. Seu sistema passou por estado de entropia relativa e se reordenou.

O neurótico não se submete a pequenas mortes. Por isso não vive, resiste. Como não quer perder, jamais ganha. Ele não se arrisca. Afasta-se de situações que possam revelar sua castração. Prefere manter-se fiel aos modelos já estabelecidos, que lhe garantem algum poder. Em seu íntimo, porém, sente-se impotente. O neurótico odeia a si e ao mundo, pois nunca consegue atingir a satisfação ideal. Não lhe ocorre que as coisas são assim. A *falta-a-ser* está em mim e também no outro que desejo ou invejo. O neurótico acusa o outro quando lhe captura a falta. E investe todas suas forças para esconder as próprias falhas.

A busca de autopreservação do neurótico não inclui a dominação de novas realidades. Limita-se a garantir fidelidade à ordem estabelecida. O perigo por ele experimentado não provém do mundo externo, vem de dentro, tanto do Isso como do Supereu. E para onde quer que vá, carrega-os consigo. Daí sua queixa constante e difusa. Não sabe muito bem o que quer, mas sofre. O neurótico gasta toda sua energia no conflito inconsciente entre desejos proibidos, que fazem pressão para se expressar na consciência, e o respeito às imposições ideais do Supereu. A angústia moral corresponde ao medo das punições do Supereu.³³⁷ Assim, o neurótico nunca descobre o que quer. Sua energia está aprisionada na repetição automática do sintoma, satisfação substitutiva dos desejos não realizados.

O complexo de Édipo, ao impor a interdição ao gozo fálico, franqueia a passagem para outras satisfações. Na verdade, é a saída do Édipo que impele a elas. Para isso, precisamos admitir a castração, tal como fez o herói da tragédia de Sófocles. Quando rei, *sua majestade* realizou a fantasia infantil dos meninos: eliminou o pai e dormiu com a mãe. Em Colono, vemos Édipo *castrado*: cego e errante, não mais sustentado por ilusões. É recebido como emissário dos deuses.

³³⁷ No capítulo V de **O Ego e o Id** (1923), afirma Freud: “Creio que o medo da morte é algo que ocorre entre o ego e o superego”, p. 70. Três anos depois, em **Inibições, sintomas e angústia** (1926), observa: “Expressando-o de modo mais geral, o que o ego considera como sendo o perigo e ao qual reage como um sinal de ansiedade [angústia] consiste em o superego dever estar com raiva dele ou puni-lo ou deixar de amá-lo. A transformação final pela qual passa o medo do superego é, segundo me parece, o medo da morte (ou medo pela vida), que é um medo do superego projetado nos poderes do destino”, p.138.

Romper com a estrutura do Édipo implica a aceitação da perda daqueles primeiros objetos, a partir dos quais foram inscritas as trilhas primitivas de satisfação em nosso psiquismo. Daí a intensidade com que nos agarramos a eles e a seus representantes e derivados. Em certo momento de nossa história, esses objetos eram os únicos existentes. Aplacavam a angústia, ofereciam apoio e proteção. A eles dirigíamos tanto impulsos amorosos como impulsos destrutivos. Na vida adulta, não precisamos mais desses objetos. Já investimos nossa energia em outras direções, em novos modos de satisfação.

O neurótico, no entanto, está demasiado preso às *imagos* infantis. Não consegue fazer o luto delas. No fundo, ainda é, de certa maneira, *sua majestade o bebê*. Preserva o narcisismo infantil e mantém-se apartado de grande parcela da realidade. Não, certamente, de modo tão radical como o psicótico. Imerso nessa teia, projeta as imagens infantis na sua vida aqui e agora. Transfere para as situações cotidianas a intensidade das emoções que marcaram as relações da infância. A realidade atual, recortada pela realidade psíquica do indivíduo, transforma-se em cena adequada para a *atuação* do drama infantil, que é repetido compulsivamente.³³⁸

A análise visa inserir o neurótico na vida adulta e capacitá-lo a realizar a função sexual da maneira mais plena possível. Ou seja: afirmar seu modo particular de vida. As pequenas mortes contribuem para a inscrição do indivíduo no simbólico de maneira singular. As situações inesperadas enfrentadas cotidianamente evocam a capacidade de invenção. Provocam traumas pontuais, pois aumentam a quantidade de energia livre no organismo. Trato-as como *pequenas perdições*, que educam em direção à *perdição criadora*. Progressivamente, o Eu percebe-se forte o bastante para afirmar seu desejo em circunstâncias mais complexas.

Porém, o medo de não suportar a angústia despertada leva o neurótico à repetição automática de modelos. Estes oferecem caminho seguro para a descarga da tensão. E, dessa maneira, garantem algum tipo de satisfação. Contudo, o caráter compulsivo da resposta reduz a satisfação a um grau tão pequeno que, muitas vezes, sequer é percebido como tal. O Eu sente-se, nesse processo,

³³⁸ A idéia de *atuação* refere-se ao desempenho de um papel construído dentro de uma fantasia. FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar** (1914), p.165.

impotente. A potência criadora, tão característica de nossa espécie, permanece adormecida. O *revirão* não entra em funcionamento.

Qualquer pessoa traz marcas particulares que possibilitam articular respostas singulares às exigências do mundo externo e de seus impulsos internos. No entanto, fixado na busca de provar sua potência fálica, o neurótico limita-se a repetir as determinações do imaginário coletivo. Ao optar por isso, mantém velados os próprios desejos. A aceitação da castração permitiria o acesso a eles. Mas o desejo corresponde à *falta-a-ser*³³⁹. E é justamente a dificuldade de assunção dessa falta que paralisa o neurótico. Ele prefere o sofrimento conhecido da doença à angústia vivida diante do não sabido.

4.1.1

Perda, trauma e morte

O trabalho da perda relaciona-se, como vimos, a certa experiência da morte. Morte da imagem, das vozes que ecoam em nós com exigências tirânicas. Freud reflete sobre a atitude do homem para com a morte em belo texto escrito seis meses após o início da Primeira Guerra.³⁴⁰ A erupção de tamanha violência em meio à considerada “humanidade civilizada” deixou a população aflita e atônita. Tal evento tornou premente a produção de relatos que pudessem trazer um pouco de alento.

Em sua elaboração sobre aquele trauma vivido pelos europeus, Freud faz crítica à hipocrisia sobre a qual se constrói a cultura, que nega a constituição pulsional humana. Tal negação persiste ainda hoje, por mais que nosso cotidiano a revele de modo contundente. Segundo Freud, o desapontamento diante da violência da guerra decorre da sustentação de ilusões, de perspectiva idealizada sobre a vida. E da recusa em olhar a realidade de modo mais verdadeiro e honesto. Segundo a perspectiva nietzscheana, corresponde à moral do *homem fraco*. Já neste momento, o mestre da psicanálise desperta a necessidade de pensarmos a

³³⁹ Mas Lacan destaca, já no **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**: “o inconsciente – ele não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não-realizado”, p.34 A *falta-a-ser* é perene, pois o ser, em si, jamais se apresenta. A psicanálise não é uma ontologia, destaca Lacan na página 33 do seminário citado.

³⁴⁰ FREUD, S. **Reflexões sobre tempos de guerra e morte** (1915).

tendência de nosso psiquismo à destruição. O conceito de *pulsão de morte* será formulado anos depois.

Lembro-lhes que a pulsão, originalmente, não está ligada a qualquer representação psíquica. Reduz-se a uma *quantidade* de energia, embora não mensurável.³⁴¹ Ao longo de nosso desenvolvimento, vinculamos essa energia livre a representações, imagens e palavras, que constituem registros de sensações corporais com os objetos. Nos organizamos a partir desses vínculos. Ao determinar certas trilhas de satisfação, tais vínculos recalcam outros caminhos para a descarga pulsional. Na construção de Magno, o recalque primário – registro em nossa carne das sensações de prazer/desprazer, e o recalque secundário – marcas em nossa mente das falas alheias, dão direção à pulsão. Construimos, assim, nossa realidade psíquica, amparada na realidade compartilhada na qual fomos criados.

Essas duas realidades desmoronam-se diante do real, algo inassimilável que irrompe ao acaso e rasga a teia que as sustenta. O real revela a falha no sistema, resiste à significação. Portanto, é sempre traumático. Ao furar a trama na qual estamos tecidos, o real provoca angústia. Tal afeto caracteriza situações em que a energia mental opera livre em nosso psiquismo. Como vimos, a angústia denuncia a dissonância entre pulsão e representação.

Freud designa a angústia como um sinal de perigo de vida e nos convida a pensar nas situações que provocariam, efetivamente, tal risco.³⁴² Apesar de nossa energia tender para a destruição, nosso psiquismo não tem qualquer registro da própria morte. Para o inconsciente, a morte não há. Tampouco para a consciência. Experimentamos a morte do outro, e somos incitados a elaborar sua perda. Mas nossa própria morte... Jamais saberemos o que é. Um desmaio poderia assemelhar-se à morte. No entanto, nem mesmo ele deixa vestígios em nosso psiquismo. Simplesmente apagamos.

Na verdade, o que chamamos de medo da morte corresponde ao medo da castração.³⁴³ O Eu vê no Supereu o agente da castração. A angústia sentida pelo

³⁴¹ FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**, cap. IV, p. 101.

³⁴² Em **Inibições, sintomas e angústia** (1926), Freud observa: “A ansiedade [angústia] surgiu originalmente como uma reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie se repete (...)Mas o que é um ‘perigo’?”, p. 133; (...) “Não podemos achar que a ansiedade tenha qualquer outra função, afora a de ser um sinal para a evitação de uma situação de perigo”, p.137.

³⁴³ FREUD, S. **O Ego e o Id** (1923), p.70 e seguintes.

Eu alude ao medo da hostilidade do Supereu, à ameaça da perda de seu amor. Freud observa: “Até aqui consideramo-la [a angústia] como um sinal afetivo de perigo; mas agora, visto que o perigo é tão amiúde o de castração, ele nos parece uma reação a uma perda, uma separação”.³⁴⁴ O neurótico paralisou-se no modo de amar anaclítico. Centrou suas satisfações no atendimento à demanda do Supereu, representante interno daqueles que o alimentaram e o protegeram.

Em suas reflexões sobre a Primeira Guerra, Freud qualifica o herói como aquele que não teme a morte. Ele zomba do perigo, age movido por seu desejo. O herói executa atos impulsivos, desprezando juízos abstratos e gerais. Arrisca-se. Na dinâmica psíquica do herói, o Eu mostra-se disponível às exigências do Isso, trabalha para atendê-las. E “nosso inconsciente não crê na própria morte; comporta-se como imortal (...) desconhece tudo que é negativo e toda e qualquer negação; nele as contradições coincidem.”³⁴⁵ E Freud conclui: sob o biombo do “medo da morte” esconde-se o *sentimento inconsciente de culpa*, que decorre da insistência dos desejos e da continuidade dos recalques para impedir sua satisfação. O herói persegue a própria fantasia, indiferente às limitações impostas pelos recalques secundários e, até, primários. Dessa maneira, opera milagres.

O herói é um *homem forte*, que tem a coragem de pagar o preço de afirmar suas fantasias. Para a psicanálise, o *homem forte* nietzscheano não corresponde ao homem ideal. Representa justamente aquele que reconhece suas fraquezas. E aprende a encará-las com coragem. Descobre, assim, meios para superá-las. Sansão precisou perder os cabelos para se dar conta que sua força estava na própria fé, e não em um dom natural, oferecido por Deus.

O temor da morte expressa, para Freud, o medo da separação dos representantes das forças recalcentes que nos constituíram. E que nos paralisam, tamanho empenho empregado por nós em obedecer a suas ordens e atender a suas demandas. Precisamente esta separação dará acesso aos próprios desejos. E à vida mais intensa e criativa. Por meio da separação, a pessoa coloca-se em movimento. Fica disponível para articular novas possibilidades de satisfação. Passa a interrogar o próprio inconsciente, de acordo com as afetações provocadas pelas situações contingentes. Não visa simplesmente a sustentação de uma identidade, a exibição de *falo* mais potente que os demais.

³⁴⁴ FREUD, S. **Inibições, sintomas e angústia** (1926), p.138

³⁴⁵ FREUD, S. **Reflexões sobre tempos de guerra e morte** (1915), p.306.

Lacan identifica a *separação* como operação necessária à produção de uma *diferença absoluta*. Propõe associação significativa com *se parer*, em francês – vestir-se, defender-se, munir-se do necessário para pôr-se em guarda – e ainda ao *se parere*, em latim, cujo significado remete a *engendrar-se*³⁴⁶. Em continuação à série associativa de Lacan, proponho *se parir* em português. Ao nos separarmos das determinações inconscientes que nos constituíram, parimos novo ser. Ou melhor, engendramos ente, disponível a se perder continuamente em novos objetos. Vem à luz a *falta-a-ser*. Afirma-se, com essa operação, o *desejo de analista*.³⁴⁷

Separar-se, se parir, se perder. Deparar-se com o silêncio de *alíngua*, de onde se origina todo discurso. As vozes alheias demonstraram seu *nonsense*. E então, diante do mutismo original, é necessário empenhar-se na produção da própria fala, que trará a marca da singularidade do vivido. Dessa maneira, experimenta-se o *niilismo de vida*. Faz-se o luto dos objetos antigos, cujos traços foram incorporados por nós e organizaram nosso Eu. Por isso, vive-se também uma forma de morte.³⁴⁸ A dificuldade de tal operação decorre da grande angústia despertada. Magno chega a chamá-la de *estado de exasperação*³⁴⁹. O psiquismo rememora, de certa forma, o estado de castração originário: a solidão e a inexistência de caminhos determinados para o escoamento pulsional. E, então, não me parece haver outra saída: trabalha-se para inventar novas fantasias ou submerge-se no caos.

O reconhecimento da falsidade dos ideais, do ódio presente nas relações humanas, da inadequação do homem em relação aos objetos, fez Freud ser identificado ao pessimismo. Em resposta direta a esta pergunta, ele afirma: “Não, não sou. Não permito que nenhuma reflexão filosófica estrague minha fruição das coisas simples da vida”. E completa: “A psicanálise simplifica a vida. Conseguimos nova síntese depois da análise. A psicanálise reordena um emaranhado de impulsos dispersos e tenta enrolá-los em torno do carretel a que

³⁴⁶ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.202.

³⁴⁷ MD Magno descreve este processo em **Ad Sorores Quatuor** (1978), p.65 e seguintes.

³⁴⁸ Lembro-lhes que Freud aponta como necessária a *dessexualização* dos objetos edípicos para a sublimação. In: **O Ego e o Id** (1923). Ver capítulo 6 da primeira parte desta tese.

³⁴⁹ Ver capítulo 4 desta tese.

pertencem. Ou, para mudar de metáfora, ela fornece o fio que permite o homem sair do labirinto de seu próprio inconsciente”.³⁵⁰

Freud simplesmente experimentou a dimensão trágica da existência. E diante do encontro com o real, tornou-se inevitável o desprendimento das antigas fantasias imaginárias. “Quando o trabalho de luto se conclui”, observa Freud, “o ego fica outra vez livre e desinibido.”³⁵¹ Diante da terra arrasada, a pessoa se reconstrói, retorna à vida, com mais vigor e mais soberania. A consciência dos movimentos pulsionais presentes em si e nos outros lhe capacita melhor manejo de suas relações. A relação sexual é impossível, afirmou Lacan. Diante disso, somos impelidos a reconstruir sempre renovadas possibilidades.

A insistência no vínculo com as fantasias imaginárias provoca a mortificação do Eu, que passa a ser punido tiranicamente pelo Supereu. Assim vive o melancólico, que se vê diante da verdade, mas não quer se separar dos objetos antigos. Sente culpa por odiá-los e se pune por isso. Foge ao trabalho de luto e de reconstrução. Sobre ele, observa Freud:

[o paciente] dispõe de uma visão mais penetrante da verdade do que outras pessoas que não são melancólicas. Quando, em sua exacerbada auto-crítica, ele se descreve como mesquinho, egoísta, desonesto, carente de independência, alguém cujo único objeto tem sido ocultar as fraquezas de sua própria natureza, pode ser, até onde sabemos, que tenha chegado bem perto de se compreender a si mesmo; ficamos imaginando, tão-somente, por que um homem precisa adoecer para ter acesso a uma verdade dessa espécie. (Freud, 1917-1915]1996, p.252)

A separação apresenta-se como uma operação jurídica e social³⁵². Por meio dela, o indivíduo impõe-se no mundo segundo sua lei particular, extraída da própria história. Intervém no simbólico, transmuta os valores. Trata-se de uma operação secundária, evidentemente. Separa-se o que antes esteve unido. Curioso notar, no entanto, que a operação primeira também indica uma divisão. A suposição cristã de que *O que Deus uniu o homem não separa* peca por petição de princípio. Para onde quer que fixemos o olhar nas coisas humanas, é exatamente o contrário que se mostra a todo instante: o descompasso em nossas

³⁵⁰ Em entrevista a jornalista e escritor George Viereck, concedida em 1927, e publicada em 1930 em *Glimpses of the Great*, com o título *Freud confronts the Sphinx*. No Brasil, pode-se encontrá-la em SANTOS, E.M. **O sexo de Deus**, pp. 135 e 147.

³⁵¹ FREUD, S. **Luto e melancolia**, p.251.

³⁵² LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.203.

relações. Lutamos para juntar os pedaços com todo tipo de cola: adesivo, cimento, chiclete. No entanto, a rachadura sempre insiste em aparecer. Daí a máxima de Lacan: não há relação sexual.³⁵³

A operação primária, que antecede a separação, designa-se *alienação*.³⁵⁴ Nela vivemos nossa primeira perda. O corpo pulsional, originariamente indeterminado, é marcado por um traço, uma letra primeira. A partir deste momento, o acesso direto ao real se perde. Com a inscrição do *traço unário*, estamos condenados a tomar o corpo mediado pela lógica do significante. Este traço unário corresponde ao que Lacan chama de *significante-mestre*.

Lacan identifica na alienação à letra o recalque originário³⁵⁵. Por meio dele, nos constituímos como seres divididos, entre corpo e linguagem, natureza e cultura. Lembro-lhes que o Eu forma-se a partir de referências imaginárias – resultado do espelhamento em relação a outras pessoas e ao mundo externo em geral –, e simbólicas – efeito do universo de significantes no qual somos imersos, chamado de Outro. Ambos se entrelaçam e buscam recobrir o real, que sempre escapa. Por isso, sentencia Lacan: o inconsciente é estruturado como uma linguagem³⁵⁶.

Aplacamos a castração característica de nossa espécie – a *falta* fundamental – com as referências oferecidas por aqueles que nos acolhem. Eles leem nossas manifestações corporais e nossas demandas. Traduzem-nas em palavras. As suas palavras. Essas palavras alheias acabam por determinar o modo como lidamos com o mundo. As vozes dos outros acolhem e acalantam. Mas também mortificam e açoitam. Afinal, passamos a viver para atender suas demandas, em busca de sermos amados por seus representantes, cujas vozes ecoam em nossas cabeças. Eis o que caracteriza de modo completo a operação da alienação. Vivemos segundo o discurso corrente, repetindo palavras vazias, que têm aparência de pleno sentido. Elas não nos engajam na trilha de nosso desejo.

³⁵³ LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.49.

³⁵⁴ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, caps. XVI e XVII.

³⁵⁵ Diz Lacan em **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**: “Este significante vem constituir o ponto central da *Urvergrängung* [o recalque primário] – (...) o ponto de atração por onde serão possíveis todos os outros recalques, todas as outras passagens similares ao lugar do *Unterdrückt* [repressão], do que é passado por baixo como significante”, p.207.

³⁵⁶ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**., p.193.

O impulso em direção à separação surge do mal-estar que provém dessa submissão constante. Buscamos atender as demandas alheias. No entanto, jamais conseguimos decifrá-las. Os outros também nos leem a partir de sua própria cifra. Colocamos etiquetas uns nos outros que não colam. As imagens que fazemos de nós tampouco se sustentam. Esse mal-estar leva à análise. E o objetivo da análise é promover a separação.

O trabalho da análise visa a desvelar que o suposto pleno sentido das falas coletivas esconde o sem sentido. Percebemos que o Outro, no qual ancoramos nossas escolhas, é tão falho quanto nós. O Supereu, representante daqueles que aplacaram nosso desamparo, cai do seu trono. A dificuldade do processo decorre do fato de que as falas alheias instauraram recalques à pulsão. Aplacaram a angústia originária quando éramos completamente desamparados. Nosso inconsciente goza com elas, apesar de o Eu experimentá-las como sofrimento. Não repeti-las implica suportar alto grau de angústia.³⁵⁷ Corresponderia à viver situações de entropia, de desordem, a defrontar-se com o traumático. Reforço, porém, que o caos leva à produção de novas ordens.

Em um de seus últimos textos sobre a técnica analítica, Freud faz uma auto-crítica por ter negligenciado o fator econômico na causação e perpetuação da neurose.³⁵⁸ O trabalho da análise impõe o desinvestimento de certos caminhos de satisfação para construção de outros. Nesse processo, a experiência de traumas apresenta-se necessária e inevitável. A resistência a mudar de investimentos remeteu Freud à questão da quantidade de energia aplicada em certas formações. Por isso considero rica a idéia de “perder-se”. A inércia mental tende a nos viciar a pegar sempre os mesmos caminhos para o prazer. Se em determinado momento eles corresponderam a grande satisfação, pois organizaram uma via para a descarga da pulsão, sua repetição compulsiva dissipa a intensidade de prazer inicial. Por fim, tornam-se apenas um sintoma, ao qual se fica preso, tal qual um condenado. Ele sequer é experimentado como prazer, tamanho grau de previsibilidade que apresenta. Todavia, com o sintoma, a energia sexual tem seus

³⁵⁷ Esta sensação leva à repetição automática dos sintomas. É justamente essa enigmática “compulsão à repetição”, observada de modo tão ruidoso nas neuroses traumáticas, mas também presente nos outros tipos de neurose, que motiva Freud a formular um *mais além* para o princípio de prazer. O que ele conclui por fim é que essa compulsão à repetição é expressão de uma “força demoníaca em ação”, que trabalha para destruir o próprio organismo, fazendo assim que ele chegue a seu objetivo sonhado: a paz absoluta, a ausência completa de tensão, a morte.

³⁵⁸ FREUD, F. **Análise terminável e interminável** (1937), p. 242.

meios de escoamentos garantidos, o que oferece alguma satisfação. Trata-se do ganho secundário da doença.

O trabalho de análise é lento. Constitui-se de progressões e regressões. Aos poucos, desfazem-se os laços imaginários. Gradualmente afirma-se a percepção das soluções ilusórias oferecidas pelos ideais. Vislumbra-se o horror, a destruição presente nos outros e em si mesmo. E passa-se a aceitar a incompletude característica de nossa espécie. A análise educa a aceitar o caráter trágico da existência. Ela capacita-nos a lidar melhor com as angústias que a irrupção do real possa provocar. Os traumas apresentam-se, assim, como estímulos para a reorganização de nosso sistema.

No experimento da análise descobrimos nossa capacidade de revirar, de colocar em funcionamento o *revirão*. Nesse processo, o papel do psicanalista é fundamental. Ao desfazermos os vínculos com o outro – que “protege e alimenta” – direcionamos a energia libidinal para o analista. Estabelece-se a *transferência*. Tal etapa é necessária para que a pessoa construa o vínculo absoluto consigo mesmo, com o próprio inconsciente, objetivo final da análise. Lacan recorre a Sócrates para pensar neste aspecto tão particular e fundamental ao processo de análise: a relação entre analisando e analista. É o que veremos a seguir.

4.2

Do amor ao *agalma*

O Gozo do Outro, do corpo do Outro que o simboliza, não é signo do amor.

Esse indeterminado de puro ser que não tem qualquer acesso à determinação, essa posição primária do inconsciente que se articula como constituído pela indeterminação do sujeito – é a isto que a transferência nos dá acesso, de maneira enigmática.³⁵⁹

Jacques Lacan

Em análise, descobrimos nossos amores. No duplo sentido: tiramos o véu dos vínculos amorosos que nos mantêm e encontramos novos amores. Admitimos a hiância presente em qualquer relação sexual. O trabalho da análise visa o reconhecimento da castração.³⁶⁰ Por meio dele, perde-se a visão imaginária de si e dos outros. Revelação libertadora. Não precisamos mais investir a energia sexual na defesa de um *ser* ou na afirmação de um falo. Assumimos nossa *falta-a-ser*³⁶¹ e nos vemos mais livres para empenhar nossa energia, de modo lúdico e rigoroso, na produção de algo que simplesmente faça suplência à castração.

A análise apresenta-se como uma pedagogia na lida com as próprias paixões.³⁶² Trata-se de método de ensino bastante peculiar. O mestre não fala, escuta. É o discípulo que toma a palavra. Ele recorre ao mestre por supor nele um saber. Mas a mestria do inconsciente difere das outras. O analista tornou-se mestre justamente por reconhecer os limites de seu conhecimento, por admitir *não saber*. Só assim pode estar disponível para a apreensão do jogo combinatório inconsciente. O analista não prescreve comportamentos e ações com vistas à

³⁵⁹ A primeira citação encontra-se em LACAN, J. **O seminário 20** (1972-1973) – **Mais, ainda**, p.12, a segunda em LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.124.

³⁶⁰ LACAN, J. **O seminário 8** (1960-1961) – **A transferência**, p. 23; p.46.

³⁶¹ LACAN, J. **O seminário 11** (1964) – **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, p.33. “...a função do desejo como falta-a-ser...O inconsciente não é nem ser nem não-ser”.

³⁶² Em **A pedagogia freudiana**, Magno afirma: “o que é da ordem da pedagogia (...) está visando a singularidade”, p.9. E ainda: “Uma pedagogia trata, uma por uma, as possibilidades de sítio eventual na vida das pessoas”, p.8.

produção de algo. Aparta-se dos significados estabelecidos de modo a motivar o analisando a deparar-se com o *não saber*. Tal verdade foi anunciada há milênios por um filósofo que entrou para história, curiosamente, como o defensor do seu oposto: o mundo ideal. *Só sei que nada sei*, declara Sócrates. Ele admite saber apenas um pouquinho sobre o amor³⁶³, mas sua descrição de Eros está muito distante da visão ideal do amor.

Seguirei a trilha empreendida por Lacan em seu seminário 8 – *A transferência* (1960-1961) – para investigar melhor a complexa situação da análise. Lacan engaja-se na leitura de Sócrates, personagem a quem atribui a mais longa transferência da história ocidental.³⁶⁴ No diálogo de Platão sobre o amor, *O banquete*, Alcibíades destaca o poder hipnotizador exercido pelas palavras do mestre ateniense. Ele nada escreveu, mas seu discurso, sob a pena de Platão, provocou efeitos profundos na filosofia, na religião, na moral, na política, e até na arte. A apropriação de sua fala nesses campos específicos mostra-se ambígua. Cada um destaca-lhe certa faceta.

Sócrates foi condenado à morte por seus contemporâneos, sob a acusação de corromper a juventude. Em sua defesa diante do tribunal composto por cidadãos atenienses, desqualifica a denúncia. Diz que jamais se considerara sábio, apesar de o oráculo de Delfos tê-lo indicado como o mais sábio dos homens. Simplesmente dedicara a vida a interrogar a si e aos outros. Os jovens apenas tinham prazer de ouvi-lo em seus exames com os homens. Com o objetivo de rebater o oráculo, Sócrates procurou aqueles que eram considerados senhores de algum saber: políticos, poetas, artífices. Viu neles profundo desconhecimento. E concluiu, após longa e incansável investigação, que a sabedoria humana tem pouco ou nenhum valor. Esta era sua diferença em relação àqueles identificados como os mais sábios.³⁶⁵

Os cidadãos atenienses não suportaram a altivez da defesa de Sócrates. Insistiram em sua condenação. E ele, mesmo diante da morte, segue, digno, em seu exercício de interrogação da alma humana. Nos textos platônicos, principal fonte de acesso a esse personagem, Sócrates busca sempre a verdade, em oposição ao discurso oportuno dos sofistas. Não se furta a recorrer ao mito quando os

³⁶³ LACAN, J. **O seminário 8** (1960-1961) – **A transferência**, p. 36.

³⁶⁴ LACAN, J. **O seminário 8** (1960-1961) – **A transferência**, p.14; p. 86; p.108.

³⁶⁵ PLATÃO. **Defesa de Sócrates**.

limites da razão dialética encobrem o verdadeiro. Afirma seguir os sinais dos demônios.³⁶⁶ O comediógrafo Aristófanes, por sua vez, o retrata como um sofista. A tradição ocidental reconhece em Sócrates o ponto fundador da filosofia da consciência, que despreza os sentidos e o dever. Ela valoriza o mundo ideal, das essências imutáveis.³⁶⁷

Lacan distingue em Sócrates algo bem diverso do defensor do mundo ideal. Chega a sugerir que a invenção platônica desse universo de essências tem caráter irônico. Em *O banquete*, Platão coloca na boca de Aristófanes a concepção mais idealizada do amor: a busca da completude da esfera. “Trata-se da derrisão radical que a simples abordagem dos problemas do amor traz a essa ordem incorruptível, material, superessencial, puramente ideal, participatória, eterna e incriada, que é aquela que toda a sua obra descobre para nós – ironicamente, talvez”.³⁶⁸

De fato, os diálogos iniciais de Platão, chamados de *socráticos*, terminam sempre em aporias, questões não resolvidas. Não fecham um significado absoluto sobre o tema debate. Mesmo quando o assunto é a ciência. Para Lacan, o que Sócrates chama de *ciência* remete ao funcionamento do significante.³⁶⁹ O próprio Sócrates jamais se coloca como o detentor da verdade. Ele a busca, a partir de sucessivas interrogações, que partem de situações simples e cotidianas. E é no discurso, constituído pela articulação do jogo de significantes que ordena o homem inconscientemente, que se apreende a verdade em questão. Como disse, não raro cria um mito quando se depara com o fim do sentido.

O mistério em torno de Sócrates demonstra sua atopia, o *não lugar* habitado por este mestre que afirma nada saber. Ele reconhece sua castração. No método socrático para a produção do conhecimento – a maiêutica –, o mestre apresenta-se como um grande curioso. Ele não exhibe seu saber para seduzir discípulos e arrebanhar seguidores. Ao contrário: formula seguidas perguntas, que induzem seu interlocutor a descobrir as próprias verdades. Convoca seu companheiro de conversa a se virar pelo avesso, a se perder das trilhas usuais do pensamento.

³⁶⁶ *Daimon*, para os gregos, eram intermediários entre deuses e homens. PLATÃO. **Defesa de Sócrates**, p.38.

³⁶⁷ Até mesmo Nietzsche coloca Sócrates em tal lugar.

³⁶⁸ LACAN, J. **O seminário 8** (1960-1961) – **A transferência**, p.82.

³⁶⁹ LACAN, J. **O seminário 8** (1960-1961) – **A transferência**, p. 86.

Sócrates não se satisfaz com os significados estabelecidos. Ele os põe em causa. Busca novo sentido, construído progressivamente, em um trabalho conjunto com o outro. Propõe questões ligadas ao cotidiano e ajuda o aluno a despertar o saber presente nele mesmo. Daí seu método nomear-se *ciência da parteira*: traz à luz idéias já em gestação naquele que o procura, que apenas jazem inconscientes. Assim é a análise. Platão nomeia esse processo de *anamnese* e a entende como a rememoração gradativa das verdades essenciais.

Tal como o método socrático, a análise também propõe uma anamnese³⁷⁰. É bem verdade que o método analítico não procede como um interrogatório sistemático com vistas a esclarecer uma questão específica. Por meio da associação livre do paciente, começam a emergir à consciência significantes indicativos das forças que o estruturam. Perdendo-se da meta de comunicar algo objetivo e claro, o paciente acaba por achar-se. Aquilo que aparecia disjunto vai, aos poucos, articulando-se em sentido. É bem verdade que o paciente encontra sua multiplicidade, e não um único e coerente ser.

Correntes de pensamento variadas apropriaram-se da palavra de Sócrates para afirmar as próprias verdades. A atopia do mestre ateniense o permitiu. Por isso, Lacan o designa como atrator da maior transferência da história ocidental. Freud nomeia *transferência* a relação específica estabelecida entre analisando e analista. Ao longo do tratamento, o paciente *transfere* para o analista os afetos, amorosos ou hostis, dirigidos, na verdade, a personagens de suas fantasias inconscientes. O analista é capturado nas séries psíquicas do analisando.

Freud utilizou o termo transferência pela primeira vez em *A interpretação dos sonhos*, para se referir ao deslocamento do desejo inconsciente de representações proibidas para representações autorizadas pelo pré-consciente.³⁷¹ Trata-se, já aí, de mecanismo de defesa contra a revelação de impulsos proscritos por certo agente crítico. O uso posterior não se afasta muito dessa idéia inicial. Diz respeito ao deslocamento de afetos dirigidos a objetos da vida infantil do paciente, mantidos recalçados, para situações de seu cotidiano. O fenômeno da transferência não se resume, portanto, à situação analítica. Ele caracteriza a neurose. O neurótico sofre de *infantilismo*, pois se mantém fixado em formas de

³⁷⁰ Na medicina, a anamnese refere-se ao histórico de uma doença, que vai desde os sintomas iniciais até o momento da observação clínica, realizado com base nas lembranças do paciente.

³⁷¹ LAPLANCHE & PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise.**

satisfação típicas de sua infância. Aborda o aqui/agora segundo suas fantasias infantis. Apesar de se inserir na realidade, o neurótico se queixa dela tempo todo. Seus sintomas expressam o conflito presente entre impulsos proibidos e forças recalcentes. Qualquer pessoa se vê em meio a conflitos entre desejos e os limites impostos pela realidade às suas satisfações. O indivíduo maduro aprende a lidar conscientemente com esses conflitos. Ao reconhecê-los, cria meios adequados para superar os limites da realidade e impor a realização de seus desejos. Administra sua economia libidinal de modo a articular realidade e prazer. Isso o neurótico não aprendeu. Recalca seu desejo e coloca-se como vítima de todo universo, de pessoas e coisas.

O neurótico é, ao mesmo tempo, uma criança irracional, que quer sua satisfação a todo o custo, e um censor ultramoral, que proíbe e pune qualquer impulso em desacordo com o ideal. Em termos metapsicológicos, o Eu permanece em um fogo cruzado entre as exigências do Isso e as cobranças do Supereu. E ainda tem que atender às demandas da realidade. Toda energia do neurótico se esgota na administração desses conflitos inconscientes. A criança irracional que habita o neurótico não aprendeu a lidar com as frustrações inevitáveis em qualquer relação amorosa. Insiste, com intensidade, na manutenção de seu narcisismo infantil, no qual vivia alheia às exigências do mundo. Por isso, não tem coragem de investir com tenacidade na dominação de objetos que lhe despertam desejo. Ela não se educou, efetivamente, a obter prazer segundo o princípio de realidade. Quer manter-se, de certa maneira, no princípio de prazer, mesmo que tenha se adequado minimamente à realidade coletiva. Por isso Freud nomeia o neurótico de falsamente civilizado.³⁷²

Essa criança irracional vive de mãos dadas com o censor ultramoral. Quer ser amada por ele. Aparentemente cede em seu narcisismo infantil, pois não se aparta de todo da realidade compartilhada, como faz o psicótico. De certa forma, deixa de lado seus interesses em troca do amor do outro. Contudo, os afetos e desejos recalçados nesse processo não desaparecem. Eles insistem em se expressar. E como se mantêm inconscientes, manifestam-se do modo mais intenso e descontrolado.

³⁷² FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, cap.III, p.94. Afirma Freud: “Descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou a redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade”.

O neurótico mantém um contrato com o censor, mas no fundo o odeia, em virtude da mortificação que ele lhe impõe por exigir o contínuo recalque de impulsos “inadequados”. Eis o que Freud nomeia de *sentimento inconsciente de culpa*. Resumidamente, nem a criança irracional nem o censor ultramoral suportam reconhecer a castração característica de nossa espécie. Não assumem a agressividade inerente ao homem, tampouco a intensidade dos impulsos sexuais, presentes desde o início da vida. Nessa confusão vive o neurótico. Daí Freud afirmar que a psicanálise simplifica a vida, pois ela visa à trazer todos esses conflitos para o mesmo campo: a consciência.³⁷³ Ao permanecerem inconscientes, afetos, desejos e proibições obrigam a pessoa ao comportamento compulsivo e repetitivo do sintoma.

A análise cria situação especial para a *atuação* do drama infantil. Misto de vida real e laboratório, trata-se de um experimento. E a convicção do benefício do experimento da análise só é atingida quando se vai até o fim. No campo protegido do tratamento, o paciente repete seus sintomas, que o paralisam na vida real e lhe provocam mal-estar. Ao repeti-los ali, permite a intervenção do analista. “Não se pode vencer um inimigo ausente ou fora de alcance”, observa Freud.³⁷⁴ A transferência para o analista apresenta-se, portanto, como condição para o processo terapêutico. Quando isso se dá, a neurose transforma-se em *neurose de transferência*. O paciente identifica no analista traços de *imagos* que constituem a realidade psíquica na qual se organiza. Projeta para ele sentimentos eróticos, amorosos e hostis.

As pessoas procuram o analista porque algo em sua vida não funciona. Falta-lhes certo equilíbrio. E supõem no analista um saber sobre suas questões mais íntimas. Mas como poderia o analista saber da vida íntima de todo aquele que lhe pede ajuda? Atender a essa demanda corresponderia a ocupar o lugar da onisciência divina, brincar de Deus. Tentação nefasta. Lacan sempre adverte: compreendam menos!

³⁷³ FREUD, S. Entrevista a Georg Viereck concedida em 1927, publicada em 1930 em *Glimpses of the Great*, de Viereck. No Brasil, encontra-se a entrevista em SANTOS, E. **O sexo de Deus**. Afirma Freud: “A psicanálise simplifica a vida. Conseguimos nova síntese depois da análise. A psicanálise reordena um emaranhado de impulsos dispersos e tenta enrolá-los em torno do carretel a que pertencem. Ou, para mudar de metáfora, ela fornece o fio que permite o homem sair do labirinto de seu próprio inconsciente”. In: SANTOS, E, *Op. Cit.*, p.142.

³⁷⁴ FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar** (1914), p. 168.

Diferentemente de Descartes, cuja certeza afirma-se pela consciência, a única certeza do analista é o inconsciente. Não importa a imagem particular que o paciente insista em apresentar. Tampouco a sinceridade ou não de suas enunciações. Em análise, o inconsciente apresenta-se. É preciso saber manejá-lo. Em seu próprio processo de análise, o analista aprendeu a lidar com as estranhas forças que regem sua vida. Impôs-se o exercício cotidiano de afastar os significados correntes para desvendar as mensagens particulares de seus atos e discursos. O analista assumiu sua castração, seu *não saber*. Por isso, toma a tudo como enigma. Reconhece mistério tanto em si mesmo como no outro que o procura. Aprendeu a colocar a si e ao mundo sempre sob suspeita. E trabalha para parir novo sentido, não universal, mas contingente, válido para o caso específico. A análise instiga a colocar em discurso os desejos inconscientes que movem ou paralisam.

O analista não é um “sabe-tudo”, mas sua prática o permite perceber as manifestações inconscientes. Ele não as recalca com vistas a manter fantasias imaginárias. Ao contrário: provoca equívocos com vistas a quebrar as cristalizações do imaginário. Assim, induz o paciente a acolher o inconsciente. O analista oferece-lhe *interpretações* objetivando interromper o automatismo da repetição do discurso pré-consciente. Elas contribuem para desvelar os desejos em jogo. No entanto, qual o momento certo, o tom exato, a maneira correta de oferecer essas interpretações? *Não se sabe*. Se o analista as oferece cedo demais, o paciente resiste à revelação. E projeta para o analista toda hostilidade decorrente da quebra da imagem unitária que tinha de si. Às vezes chega até a abandonar a análise.³⁷⁵

Mesmo se o analista não intervém de modo ativo, a simples continuidade das sessões alimenta as forças proscritas a buscar caminhos de acesso à consciência. Em virtude disso, as forças recalcentes também entram em ação com maior intensidade. Freud nomeia essa batalha interna de *resistência*. O paciente opõe-se à revelação do inconsciente, que está projetado na relação com o analista.

Ao longo do tratamento, a transferência manifesta-se, paradoxalmente, como resistência.³⁷⁶ Esta expressa as forças recalcentes em ação e visa a

³⁷⁵ Freud descreve esse processo em detalhe no pós-escrito ao caso Dora. In: FREUD, S. **Fragmento da análise de um caso de histeria** (1901/1905).

³⁷⁶ FREUD, S. **A dinâmica da transferência**. Vol. XII.

manutenção da doença. Tais forças atuam dentro do próprio indivíduo, impedindo o acesso à consciência de determinadas idéias, afetos e desejos. Ao longo de sua história, o paciente construiu arsenal de armas para se defender contra indesejáveis forças internas. Resistiu a elas. Fez isso para ser amado, para manter uma ordem³⁷⁷. Os pais e os educadores exigiram o abandono de certas trilhas de satisfação. Em troca, ofereceram-lhe seu amor, como satisfação substitutiva. A neurose demonstra a falência desse contrato.

No tratamento, o paciente começa a trazer à consciência as forças proscritas. Espera a contraparte do analista, ou seja, que este o ame. Contudo, atender a demanda de amor do paciente corresponderia a perpetuar a neurose, justo o contrário do objetivo da análise. A hostilidade no tratamento apresenta-se, assim, inevitável. E mais: é pela boca do analista que o paciente tem acesso à fera por trás dos postigos.³⁷⁸ Por isso, ingrediente fundamental para o processo é o *desejo de analista*, presente no próprio paciente. Caso ele não seja intenso o bastante, abandona-se o processo. Se o paciente insiste, descobre que beijando a fera chega-se à bela. Superando as resistências, o indivíduo chega à transformação da própria vida.

Freud observa ser inevitável uma piora no estado geral do paciente ao longo do tratamento. Intensificam-se os conflitos. Certos sintomas, vagos até o início da análise, colocam-se em evidência. E a agressividade decorrente desse quadro dirige-se ao analista. Compreensível. Uma analogia permite-nos entender isso com clareza. Se levarmos um carro velho, funcionando por meio de “gatilhos”, ao mecânico, provavelmente iremos encontrar inúmeros outros problemas. Demandamos ajuda para resolver uma questão pontual. Todavia, quando o profissional mexe no ponto específico de nossa reclamação, provoca uma reação em cadeia. Desorganiza aquele sistema, que funcionava de maneira precária. Nossa primeira reação é atribuir os diversos problemas imprevistos à esperteza do mecânico. Porém, avaliação mais racional nos permitirá reconhecer a necessidade de uma reforma geral no automóvel. O retorno à racionalidade apresenta-se muito mais fácil no caso do carro do que na análise. Com certeza.

³⁷⁷ FREUD, S. Conferência introdutória. A transferência. Vol. XVI.

³⁷⁸ LACAN, J. O seminário 11 (1964) – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, p.129.

Por mais paradoxal que possa parecer, o agravamento dos sintomas é necessário. O desafio do analista será encontrar táticas para suspender a compulsão à repetição e evocar o despertar das lembranças do paciente. Assim, este pode pensar nas motivações que o levaram a construir aquelas vias de satisfação. Só dessa maneira poderá elaborá-las, interrompendo a atuação automática, conseguindo, então, superá-las. Mas isso demanda tempo. E incansável paciência de ambas as partes. É como se um ator começasse a perceber, aos poucos, o personagem que encarna. “Ah, então sou isso!”, constata, a princípio com horror. Até ali, repetia mecanicamente o papel, de modo inconsciente para si. Vivia sob os efeitos da compulsão à repetição. Não percebia, no entanto, como contribuía para construir as mesmas situações, indefinidamente.

A resistência expressa-se de modo variado. Vai do profundo enamoramento à franca hostilidade em relação ao analista. À medida que o tratamento progride, manifesta-se com mais vigor. Observa-se a situação aparentemente improvável e absurda: o paciente empenha-se em permanecer doente. Em casos muito frequentes, a paixão pelo analista interrompe o processo de análise. Mesmo que permaneça velado, todo interesse do paciente concentra-se na busca da consecução de seu amor pelo analista ou nas queixas decorrentes da dificuldade em realizá-lo, muitas vezes projetadas inconscientemente em situações diversas. Em outras situações, o paciente assume postura negativa em relação ao analista. Não aceita suas interpretações, deprecia a psicanálise e até adoece fisicamente. Freud chama esse fenômeno de *transferência negativa*. Ela expressa o *sentimento inconsciente de culpa*. Ao analista resta suportar os disparos e fingir-se de morto. Afinal, aqueles tiros, ou aquelas flores, não estão direcionados à sua própria pessoa, mas às identificações projetadas nele.

A resistência manifesta a soberania do Supereu – onde ecoam, inconscientes, as vozes dos pais e dos educadores – sobre o Eu. O trabalho da análise implica, justamente, que o paciente retire o investimento libidinal dessas vozes e o aplique em outro lugar. Trata-se de uma reorganização de sua economia mental. Para isso, terá de se perder desses objetos primitivos.

O paciente chega na análise em busca de melhorar sua vida amorosa. Não quer, entretanto, abandonar antigos amores. Tem medo de largar o vínculo com aquelas imagens primitivas, do narcisismo infantil. Afinal, elas instauraram recalques, que organizaram o caos pulsional e permitiram a satisfação. Suspender

esses recalques leva à vivência de alto grau de entropia e, segundo minha hipótese, à aproximação da *perdição originária*. O retorno do recalcado já provocou pequenas perdições e desordenou o sistema. Por isso procura-se a análise. Todavia, a memória inconsciente das angústias primitivas leva a pessoa a insistir no culto aos deuses antigos. Vive-se a tirania da memória.

A estratégia no campo do amor aplica-se perfeitamente ao tema em questão. A sabedoria popular ensina que nada melhor para esquecer um antigo amor do que um novo amor. Encontrar outros alvos para o investimento libidinal apresenta-se necessário ao processo de perda. A análise implica estimular, de alguma maneira, novas aventuras libidinais. Isso não se resume à suspensão de recalques à sexualidade propriamente dita. Este foi o ponto de partida de Freud. Em sua época, as proibições morais relativas a esse campo eram de tal ordem que geravam o adoecimento psíquico. No entanto, Freud foi mais além, revelou-nos a pulsão de morte. E definiu como tarefa de cada um a transformação de morte em vida. Reduzir tal empresa a aventuras de alcova demonstra completo desconhecimento da condição humana.

E mais, hoje vivemos mundo bastante diverso. Aquilo que provocava mal-estar no alvorecer da psicanálise – o desejo sexual – tornou-se objeto de consumo. Ideal cultural, até. E, como todo ideal, apresenta-se opressor. O imperativo contemporâneo não é: “reprima-se!”, mas “liberte-se!” Todos são obrigados a experimentar extenso repertório de experiências sexuais: *ménage a trois*; *swing*; relações como o mesmo sexo; transa no elevador e nas mais bizarras localidades etc. Se essas fantasias fazem pressão, melhor colocá-las em prática. Tais experiências são importantes para a flexibilização do império do Supereu. No entanto, no quadro atual, elas tornaram-se quase um dever moral. Mostram-se, assim, expressão de mero modismo, que não contribui para aplacar as angústias humanas. Apresentam-se até como motor de mal-estar.³⁷⁹ Tais fantasias contribuem para a sustentação de um imaginário de felicidade que não

³⁷⁹Em entrevista a Emilio Granzotto em 1974, publicada na revista *Panorama*, observa Lacan: “Que o sexo seja colocado na ordem do dia e exposto na esquina das ruas, tratado como um detergente qualquer nos carrosséis televisivos, não comporta nenhuma promessa de algum benefício. Não digo que isso seja ruim. Não é suficiente certamente para tratar as angústias e os problemas particulares. Faz parte da moda, dessa fingida liberalização que nos é fornecida, como um bem dado de cima, pela dita sociedade permissiva. Mas não serve ao nível da psicanálise”. In: SANTOS, E. **O sexo de Deus**, p.161.

corresponde à realidade. E pior: os *play-grounds* midiáticos reduzem a psicanálise a mera terapia de liberalização sexual.

Freud associa a arte da análise ao trabalho do escultor, descrito por Leonardo da Vinci.³⁸⁰ Segundo Leonardo, o escultor opera pela *via di levare*. Pouco a pouco, retira o excesso da pedra de mármore para chegar à figura. É como se ela já estivesse lá, pronta, e o trabalho do artista se resumisse a eliminar o que sobra. Essa analogia ressalta a tarefa da descoberta da singularidade do paciente, submersa por camadas e camadas de determinações alheias. Freud lembra do trabalho do escultor por vê-lo oposto ao exercício do pintor. Este pratica sua arte pela *via di porre*. Deposita sobre a tela incolor tintas que jamais estiveram ali. Tal procedimento assemelha-se à prática da hipnose, que insere idéias na mente do paciente, de modo a aplacar seu sofrimento. E Freud abandonou a hipnose, por considerá-la método ineficaz.

Contudo, depois de vinte anos sem abordar a hipnose, Freud a toma como referência para investigar o fenômeno do amor e das formações grupais, em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921). Neste texto, Freud afirma: “A hipnose não constitui um bom objeto para a comparação com uma formação de grupo, porque é mais verdadeiro dizer que ela é idêntica a essa última.”³⁸¹ A diferença nos dois casos refere-se apenas ao número de pessoas envolvidas na situação. Da mesma maneira, observa Freud, uma pessoa enamorada está hipnotizada por seu objeto de amor. E se na análise encontramos o amor, como os textos de Freud sobre a técnica o atestam³⁸², também encontramos a hipnose, parece-me inevitável admitir. Não se trata da adoção da hipnose como método de trabalho, mas do reconhecimento do fascínio inevitável exercido pelo analista no paciente. Tal encantamento apresenta-se como veículo para a instauração de novas vias para o investimento da libido.

O fenômeno da transferência remete, mais do que Freud admitira inicialmente, à hipnose. Acusaram a terapia hipnótica de sufocar o livre arbítrio do paciente. As críticas feitas ao método hipnótico foram, posteriormente, dirigidas à própria psicanálise, à dependência do paciente em relação ao analista,

³⁸⁰ FREUD, S. *Sobre a psicoterapia* (1905), p.247.

³⁸¹ FREUD, S. *Psicologia de grupo e análise do ego*, p.125.

³⁸² FREUD, S. *A dinâmica da transferência* (1912); *Observações sobre o amor transferencial* (1915[1914]). A própria origem da psicanálise remete ao “poder hipnótico do amor”. Anna O. apaixonou-se por Breuer, chegando a produzir uma pseudociência.